

ENTREVISTA A FÁTIMA FERNANDES PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

FOTOS: RN



AUTARCA GARANTE QUE APENAS PERMITIRÁ QUE VENHA PARA O MUNICÍPIO "AQUILO QUE O POSSA VALORIZAR"

“ESTAREMOS AQUI PARA DAR NOTA DOS DIREITOS QUE TEMOS”

À frente dos destinos do município de Montalegre desde novembro de 2022, Fátima Fernandes quer dar continuidade ao projeto sufragado pelos barrosões, assumindo que “há muito para fazer ainda” num concelho que é conhecido pelos “grandes eventos”. Defensora da igualdade entre homens e mulheres e do património que comemora 750 anos da atribuição do foral por D. Afonso III, garante que a sua equipa só permitirá “que venha para o município aquilo que o possa valorizar”

MARIANA RIBEIRO

Está no executivo municipal desde 2005, eleita pelas listas do PS. Sempre foi um desejo seu chegar a presidente?

Não, verdadeiramente não, porque se tivesse sido um desejo meu, com certeza que, ao longo destes 17 anos, tinha feito por ter um percurso político de maior destaque e, portanto, iria propor a minha candidatura à comissão política. Não estava nos meus horizontes, porque entendo que cada um pode servir, neste caso, o concelho de Montalegre.

Foram, então, as circunstâncias que fizeram com que assumisse este lugar, em novembro de 2022, após a demissão do ex-presidente e vice-presidente. De que forma é que recebeu esta notícia? Pensou logo em assumir o cargo? Gerou surpresa toda esta situação?

Não me vou pronunciar acerca desta situação por uma razão muito simples: nós vivemos num Estado de direito democrático e, portanto, há presunção de inocência, deixamos à justiça aquilo que é da justiça e aguardamos, com toda a serenidade, aquilo que a investigação vai deter-

minar e, depois, se haverá, até, acusação ou não. Relativamente à questão de ter dado continuidade, como é que não poderia dar continuidade? Há um projeto que foi sufragado pelos barrosões e, por isso mesmo, nós, equipa, porque foi uma lista que foi eleita, vamos dar continuidade a esse projeto. Há muito para fazer ainda.

Mas acredita que, de alguma forma, toda esta situação interferiu com a imagem do concelho e do próprio município?

Com certeza que não. Aquilo que nos distingue são os grandes eventos

“

Eu imagino o que seria para os concelhos do interior pôr o IRC com taxas mínimas”

e, ainda este mês (janeiro), tivemos dos maiores eventos que realizámos ao longo destes anos. Portanto, é uma questão de continuidade, cada vez mais

para melhor. Sempre foi o desiderato desta equipa e deste projeto que, volto a dizer, foi sufragado pela maioria dos barrosões.

Começou este ano, precisamente, com grandes montras do concelho. Quais são, na sua perspetiva, os grandes desafios para 2023?

Pegarmos nesta força anímica deste início de ano, que foi em grande, e transpormos essa força anímica para os 11 meses que falta cumprir do ano. Aquilo que nos motiva são as grandes realizações, que são essas que dão notoriedade para o exterior,

mas sem esquecer aquilo que temos a fazer internamente, tendo sempre como foco as pessoas, os barrosões e o território de Montalegre.

Disse, recentemente, que quer travar o que apelidou de “sangria demográfica”. Segundo os últimos Censos, no concelho há 531 idosos por cada 100 jovens. O que está previsto acontecer neste âmbito? Que políticas é preciso aplicar?

Aquilo que seria importante é que os nossos governantes percebessem, e já deviam ter percebido isso há muito mais tempo,

que é muito importante determinar políticas para inverter este ciclo. Quanto mais depressa refletirem sobre isso e tomarem medidas concretas, melhor. Tirando essas políticas nacionais que, no meu entender, passariam pela discriminação positiva em termos fiscais, por exemplo, ou outros apoios de âmbito social, aqui no concelho temos apostado na natalidade e em diversos projetos que apostam na fixação de pessoas e, em especial, nos jovens. Há uma série de projetos no âmbito da pecuária e da agricultura que a Câmara apoia e que visam, essencialmente, dar a conhecer, comercializar, dar apoio técnico aos nossos agricultores e produtores pecuários, de modo a que tenham mais rendimento e dar conhecimento aos nossos jovens de que podem ficar na sua terra. Este ano vamos lançar, ainda, outro projeto que é o incentivo ao primeiro emprego e valorização do ensino profissional.

A nível local, digamos assim, está tudo encaminhado. Portanto, faltam políticas nacionais que fixem mais gente no interior e, em especial, no concelho?

Claro que sim. Desde logo, como eu dizia, a discriminação positiva em termos fiscais. Imagino o que seria para os concelhos do interior pôr o IRC com taxas mínimas. Imagino, também, o que seria ver maiores apoios à produção. Sendo que Montalegre tem cinco barragens e que produz, por ano, milhões em energia, o que é que seria, por exemplo, aquilo que diz respeito ao meu município, se, ainda que não fosse toda a taxa da derrama, mas um bocadinho ficar aqui em Montalegre. O mesmo acontece em tantos outros concelhos onde é produzida riqueza, mas depois é taxada em Lisboa. Poderia ser considerada uma política que abrangesse todos e que fosse distribuída pelos concelhos do interior.

Está em marcha o Centro SIPAM. Que mais-valias trará ao território?

Vai ser um Centro que vai orgulhar todos os barrosões e que vai ser, não só para o Barroso, neste caso Montalegre e Boticas, mas para toda a região. Temos protocolos com o IPB, há outras universidades que pretendem, também, aqui desenvolver projetos e isso é muito bom porque, finalmente, a academia abriu-se para a comunidade. No SIPAM, além dos doutoramentos e dos pós-doutoramentos que vão ser realizados, e no âmbito do Património Agrícola Mundial, vai ser possível, também, ter laboratórios de investigação, debates, congressos, provas e experiências gastronómicas com os produtos locais. Portanto, é uma forma de dar visibilidade a este território, que já nos foi dada a nível mundial. É o único selo que existe em Portugal e é outro dos fatores a que, por exemplo, o Estado poderia dar mais atenção.

Há um tema que tem despertado polémica e contestação por parte dos populares, a exploração mineira. O parecer desfavorável já foi dado em reunião de Câmara e pergunto-lhe se é para manter, tendo em conta que os recursos do subsolo são geridos pelo Estado?

Enquanto as universidades nos disserem que, relativamente ao Estudo de Impacte Ambiental, há muitas falhas, há muitas questões a levantar, dúvidas em termos ambientais, em termos da riqueza que vai ser extraída, que não se sabe, exatamente, qual é, é evidente que o parecer será sempre desfavorável. Nós só permitiremos que venha para o município aquilo que o possa valorizar e desde que seja respeitado, exatamente, o património das pessoas, o ambiente, o território, a paisagem, sendo certo que sabemos bem que não é competência nossa a gestão do sub-



Espero, no futuro, ver mais mulheres ao comando do meu município”

solo, mas estaremos aqui para dar nota dos direitos que temos neste território.

Vocês que estão em festa, com os 750 anos da atribuição do foral por D. Afonso III. O que é que pode adiantar do programa?

Além de várias realizações ao longo do ano, entre elas, colóquios, exposições, uma certa investigação que vai do passado ao presente para perspetivar o futuro, o dia 9 de junho tenho a certeza que vai encher de orgulho os barrosões. É o feriado municipal e, portanto, será o dia do aniversário destes 750 anos e será marcado por atividades que vão, essencialmente, dar relevo a esta alma do Barroso, a este território.

É a primeira mulher a estar “à frente” do município. É uma nota que deixa às jovens barrosãs para perspetivarem o futuro em cargos de chefia ou em direções?

Aquilo que me agrada muito ver é que, cada vez mais, as mulheres percebem o papel e exigem essa importância. O facto de eu assumir, agora, este cargo,

espero que lhes dê força e, em especial, às jovens, para perceberem que depende de cada uma de nós. Às mais velhas, que são mais reticentes, dizer-lhes o seguinte: no exercício deste cargo, aquilo que farei todos os dias é não as defraudar, a todas. Espero que sintam orgulho em ter uma mulher à frente da Câmara. Para as mais novas, espero que seja uma motivação porque o futuro é já amanhã, têm de começar já hoje. Espero, no futuro, ver mais mulheres ao comando do meu município. Neste momento, a equipa nem sequer é paritária, é igualitária, porque há dois homens e duas mulheres. Espero que, no futuro, se mantenha e com mulheres à frente.

Montalegre acaba por ser um exemplo para fora, nesse sentido...

Eu espero bem que sim. Nós, mulheres, temos de dar nota, todos os dias, daquilo que se passa porque a discriminação ainda é grande e, portanto, não é numa atitude reivindicativa, aguerrida, mas dar nota, todos os dias, daquilo que é de inteira justiça: homens e mulheres têm de ter deveres e direitos iguais. Sendo certo que os lugares de chefia, dizem os dados, a sua grande maioria, vão para os homens, compete às mulheres, pela força do seu trabalho, da sua competência, dos seus conhecimentos reivindicar esses lugares de chefia, salários iguais, que a maternidade não seja um entrave rigidamente a nada. ■

NOTA

Entrevista realizada antes de ser conhecido o parecer favorável da Comissão de Avaliação da Mina do Romano.

Veja a entrevista em vídeo em: WWW.AVOZDETRASOSMONTES.PT/ENTREVISTA-A-FATIMA-FERNANDES



FÁTIMA FERNANDES, 57 ANOS, ASSUMIU A PRESIDÊNCIA DO MUNICÍPIO DE MONTALEGRE EM NOVEMBRO DE 2022